



## As encomendas de azulejo mudéjar nos séculos XV e XVI: convergências e divergências na aplicação e ornamentação

**Patrícia Nóbrega**

Az – Rede de Investigação em Azulejo

ARTIS – Instituto de História da Arte, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

[patricianob@hotmail.com](mailto:patricianob@hotmail.com)

---

### Palavras-chave:

Azulejo; Mudéjar; Aplicação; Ornamentação

---

### Resumo:

Os revestimentos cerâmicos vulgarmente designados por "hispano-mouriscos" conheceram uma larga difusão no nosso território a partir das importações do reino vizinho, que ocorreram entre o último quartel do século XV e a primeira metade do século XVI. De matriz islâmica e para revestimento parietal, de pavimentos e de tectos, apresentavam uma considerável diversidade de morfologias conforme as funções, assim como características visuais distintivas dos vários centros castelhanos como Manises, Toledo, Granada ou Sevilha.

Antes de continuarmos a nossa exposição importa referir que adoptámos a designação "mudéjar" para caracterizar esta tipologia de azulejos, em detrimento das outras disponíveis. Investigadores nacionais, como Pedro Dias, defendem ser universalmente aceite o sentido amplo do termo, que compreende qualquer manifestação com influências islâmicas em território cristão. Mudéjar é também o termo utilizado pelos historiadores espanhóis pois, abarcando todas as actividades artísticas de filiação muçulmana, é o que melhor se adapta às características sociais daquela época, com mouros, cristãos e cristãos-novos a laborarem nas olarias espanholas.

Considerando a azulejaria mudéjar um fenómeno peninsular e atendendo aos estudos desenvolvidos por parte de figuras de referência da história da arte ibérica, é nosso objectivo, por um lado, contribuir para a compreensão do que foi a importação de revestimentos mudéjares nos séculos XV e XVI, atendendo aos intervenientes - encomendadores, intermediários e olarias -, e destacando neste contexto a olaria de Fernán Martínez Guijarro. Por outro lado, interessa-nos propor uma perspectiva renovada e crítica

dos estudos mencionados, contrapondo uma metodologia comparativa das diferentes encomendas, com enfoque na análise dos esquemas de aplicação e na relação que estabelecem com os motivos dos padrões. Para esta perspectiva, ainda pouco explorada, usaremos como casos de estudo os principais núcleos de azulejo mudéjar que ainda se conservam em território nacional.

As aplicações do azulejo mudéjar em Portugal sugerem duas soluções divergentes, mas que se inscrevem no espírito e na estética que viriam a definir e caracterizar a azulejaria portuguesa até hoje. Uma forma de aplicação contorna ou acentua as características da arquitectura, enquanto a outra simula elementos arquitectónicos. Todavia, e mais do que perceber se esta é uma forma de aplicação portuguesa, importa observar, de um modo objectivo e sistemático, as soluções de aplicação utilizadas no nosso território face aos preceitos usados em Espanha.

Colocando lado a lado as aplicações da Sé Velha de Coimbra e do Convento de Beja, que nos parecem divergentes, observamos que a mais antiga – Coimbra –, apresenta uma forma de aplicação fora dos cânones e, como tal, inovadora em vários aspectos. As aplicações espanholas cronologicamente anteriores à Sé de Coimbra, como a Alhambra ou o Real Alcácer de Sevilha, enunciam alguns critérios que parecem definir o esquema de organização seguido em Espanha: a aplicação cerâmica de alicatados ou de azulejos em corda-seca (e mais tarde de aresta) revestiam os panos murários ao nível do lambril, de forma a conjugar no mesmo pano murário o azulejo e, habitualmente, o estuque decorativo. Outra característica reside na aplicação de extensões consideráveis do mesmo padrão, seccionados por cercaduras ou por sistemas de múltiplas molduras e motivos decorativos.

Na Sé velha de Coimbra, por oposição a estes preceitos, existiu uma aplicação integral de panos murários, das colunas e, por vezes, dos pavimentos. Estas soluções inovadoras são visíveis na articulação de diversos padrões (em particular nas colunas), mas sobretudo na simulação de elementos arquitectónicos, como rosetas e portas ou arcos, que introduzem ritmos susceptíveis de conferir uma dinâmica desconhecida a este género de revestimento.

Por outro lado, na Sala do Capítulo em Beja reconhecemos o mesmo esquema de disposição operado em Espanha, com aplicação ao nível do lambril, neste caso em conjugação com pintura mural, bem como a presença das múltiplas molduras e revestimentos sucedâneos até chegar ao pavimento. Face ao exposto, não é de recusar a hipótese de ter sido enviado um ladrilhador sevilhano para aplicar o conjunto.

Muito embora, e como já referimos, vários investigadores se tenham ocupado do estudo da azulejaria mudéjar, estas aplicações precisam de uma maior sistematização e de um mapeamento que conjugue e relacione os intervenientes com a análise formal das encomendas e suas possíveis articulações.

Quanto à tipologia de objectos e temas, a designação de azulejo mudéjar compreende uma multiplicidade de formas e decorações que, por vezes, parecem ter pouco em comum, para além de uma ancestral prática e tecnologia islamizante de transformar o barro. A importação portuguesa de revestimentos mudéjares, teve início com as "rajolas" (mosaicos para pavimentos) de Manises, mas que se revelou pouca expressiva. Foram importados

azulejos alicatados, dispendiosos e de aplicação exigente, tendo sido progressivamente substituídos por outros produzidos segundo a técnica da corda-seca, que reproduzia os mesmos temas de laçarias e motivos geométricos. A técnica de aresta ou "cuenca" suplantou a corda-seca e ampliou significativamente a produção sevilhana, sendo que as importações portuguesas acompanharam e reflectiram este progresso tecnológico.

Em finais do século XV mas, sobretudo, depois da queda de Granada, na primeira década do século XVI, Sevilha superou a produção granadina e impôs-se como principal centro produtor da Península Ibérica. É neste contexto e no bairro de Triana, o mais importante núcleo de "alfarerias" mudéjares, que se localizava a olaria de Fernán Martinez Guijarro, de capital importância no contexto das importações portuguesas.

De acordo com Reynaldo dos Santos, os primeiros exemplares importados de Sevilha terão sido os mosaicos alicatados aplicados no pavimento da capela e do quarto de D. Afonso VI no Palácio Nacional de Sintra. Um documento que relaciona os azulejos com o "alfarero" Fernán Martinez Guijarro permite situar esta encomenda em data anterior a 1479. Guijarro e a olaria que detinha com o filho, Pedro de Herrera, foi o principal fornecedor de azulejo para o nosso país, com ligações documentadas aos principais núcleos com revestimentos mudéjares definidos por Reynaldo dos Santos, ou seja, o Paço de Sintra, o Convento de Jesus em Setúbal, a Sé Velha de Coimbra, a Igreja de Santa Maria em Abrantes, o Convento da Conceição em Beja e a Quinta da Bacalhoa em Azeitão.

Os encomendadores foram determinantes na disseminação do gosto oriental difundindo-o através de revestimentos aplicados nas suas propriedades ou em locais de influência, como testemunham as encomendas do rei D. Manuel em Sintra, do Bispo D. Jorge de Almeida em Coimbra e de D. Brites no convento de Beja e na Quinta da Bacalhôa.

O notável revestimento da Sé Velha de Coimbra, em azulejo de "labores" (aresta), foi encomendado pelo Bispo D. Jorge de Almeida. Um documento datado de 1503 comprova que, a seu pedido, o mestre flamengo Olivier de Gand, um dos entalhadores do retábulo da capela-mor da mesma Sé, serviu de intermediário e encomendou azulejos à oficina sevilhana de Fernán Martinez Guijarro. Os intermediários foram uma peça-chave no processo da encomenda à Andaluzia, sendo também encarregues do transporte dos azulejos, preferencialmente por via marítima, como atesta a documentação.

Em síntese, o presente artigo pretende correlacionar os dados existentes, sistematizando-os de forma a permitir um mapeamento composto pelos diversos intervenientes responsáveis pelas importações portuguesas de azulejo mudéjar dentro das balizas cronológicas apresentadas, visando ainda, do ponto de vista formal, relacionar as aplicações, procurando definir modelos derivados das conjugações de padrões e suas articulações nas diferentes encomendas.

---

**Patrícia Nóbrega** é investigadora, desde Março de 2009, da Az - Rede de Investigação em Azulejo (ARTIS-IHA/FLUL), tendo trabalhado e publicado nas áreas de inventário, coleccionismo, azulejaria e cerâmica do século XX. É mestre em Museologia pela FCSH-UNL com uma dissertação dedicada ao azulejo enquanto objecto museológico (2013).

Actualmente estuda as interacções artísticas e a circulação de modelos no azulejo português, enquanto bolseira de doutoramento da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com bolsa atribuída no âmbito do Programa de Bolsas de Doutoramento da Universidade de Lisboa.